

**NEVES, M. H. M. Guia de uso do português: confrontando regras e usos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.**

Marize M. DALL'AGLIO-HATTNER<sup>1</sup>

*Guia de uso do português* é mais uma obra fundamental de Maria Helena de Moura Neves. Apresentado pela própria autora como uma obra que busca, "[...] em primeiro lugar, informar exatamente como estão sendo usadas pelos falantes as formas da língua portuguesa" (NEVES, 2003, p.13), este *Guia* assenta seu ineditismo em uma série de diferenciais.

Possuidora de vastíssimo conhecimento tanto sobre a tradição gramatical quanto sobre os usos vigentes no português contemporâneo do Brasil, Maria Helena de Moura Neves organiza seu *Guia* com base em um ponto-chave: "[...] o uso pode contrariar as prescrições que a tradição gramatical vem repetindo, e o falante – particularmente aquele que usa de modo especial a linguagem nas suas atividades profissionais – terá de conhecer os dois lados da questão" (NEVES, 2003, p.13). Assim, para dar a conhecer o uso do português contemporâneo escrito do Brasil, a autora assenta sua obra em um extenso trabalho de pesquisa em um corpúsculo de oitenta milhões de ocorrências, o mesmo que serviu à elaboração da *Gramática de usos do português* (NEVES, 2000), de sua autoria, e do *Dicionário de usos do português* (BORBA, 2002), coordenado por Francisco da Silva Borba, do qual Neves é co-autora. O uso apontado pelo *Guia* é, portanto, o resultado de um criterioso trabalho de levantamento, apoiado, quando necessário, em indicadores de frequência.

Sem jamais negar o valor da norma-padrão e a necessidade da sua divulgação, este *Guia de usos* é inédito, também, no modo como concebe seu público alvo. Descrito como "[...] qualquer pessoa que, em algum momento de desempenho lingüístico, sinta algum tipo de dificuldade na formulação de seu enunciado" (NEVES, 2003, p.13), o leitor virtual dessa obra está longe de ser um falante que, passivamente, busca o conforto das regras. Como bem apontam Platão e Fiorin nas interessantes páginas que prefaciam o *Guia*, a imagem do

---

<sup>1</sup> Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-UNESP, 15054-000 – São José do Rio Preto-SP, Brasil. E-mail: marize@ell.ibilce.unesp.br.

leitor construído por Maria Helena de Moura Neves é a de “[...] um ser inteligente, dotado de liberdade, que é capaz de pesar as implicações socioculturais de cada uso e de fazer uma opção entre o que a tradição prescreve e os usos reais” (NEVES, 2003, p.12).

Para mostrar ao consulente as possibilidades de escolha, o modo de organização do *Guia de usos* é bastante prático. Os verbetes, organizados em ordem alfabética, trazem inicialmente as indicações de uso feitas com base nas ocorrências registradas no banco de dados examinado. Quando ocorrem variantes, a frequência relativa de uso é informada. O confronto das indicações de frequência, ou do uso preferido, com as prescrições da tradição gramatical é feito sempre que essa informação é considerada pertinente. Se o uso contraria a prescrição tradicionalmente veiculada, essa informação vem destacada, graficamente, por um recuo no texto que, infelizmente, nem sempre é fácil de ser percebido. A remissão a verbetes que se complementam, ou que de alguma forma se relacionam, facilita e enriquece a consulta.

Alguns verbetes merecem destaque por diferentes razões. A inclusão de topônimos, verbetes comuns apenas nos dicionários enciclopédicos, é extremamente útil. Da mesma forma, a inclusão de diversos estrangeirismos, bastante atualizados, mostra a vivacidade da língua, tão cara a um trabalho que se assenta na descrição do seu uso em situações reais de interação. O verbebo sobre a vírgula traz, de uma forma extremamente clara, simples e completa, a descrição de seu uso nos mais diferentes contextos. Também chamam a atenção, pela indicação de valores semânticos e pragmáticos, os verbetes sobre diferentes classes de modalizadores.

No entanto, é nos verbetes em que o uso está em desacordo com a norma prescritiva que se encontram as ocorrências mais interessantes. Neles se encontra o registro não só das diferenças, mas dos contextos em que as diferenças são percebidas. O usuário fica sabendo, por exemplo, que o uso da expressão **através de** com o significado de “por meio de”, condenado nas lições normativas, é bastante comum em todos os tipos de texto que constituem o banco de dados examinado (romanesco, oratório, técnico-científico, jornalístico e dramático). Ou ainda, que o uso do verbo **elencar**, condenado pelas lições normativas como um neologismo desnecessário, é forma usual especialmente em textos jornalísticos e técnico-científicos.

Há casos em que a explicação para um determinado fato gramatical não parece estar ao alcance do usuário comum, mas a exemplificação, sempre presente, dá a esse usuário a informação necessária para que ele elabore a sua escolha. É o que ocorre, por exemplo, na descrição do uso da conjunção **embora**.

Neves aponta que, sendo uma conjunção subordinativa, embora não se construiria, em princípio, com uma forma nominal.

[...] Entretanto, por se tratar de forma de origem adverbial que entrou num processo de gramaticalização como conjunção, usa-se também com gerúndio, construção que sofre restrições de alguns normativistas. *Mas hoje acontece que, **EMBORA** fazendo pouco, é o governo o único que faz alguma coisa pelo Nordeste.* (PV). (NEVES, 2003, p.287, destaques da autora).

Em muitos outros casos, a autora brinda o usuário com uma revisão dos manuais normativos, ao apontar eventuais inconsistências de seus critérios ou de suas explicações. É o que ocorre no comentário sobre o uso da seqüência e **nem**, cuja condenação é justificada nos manuais normativos pelo fato de a conjunção **nem** já ter o significado de "e não". Entretanto, como aponta Neves (2003, p.276, grifos da autora), "[...] nessa seqüência o que se está usando é o advérbio **nem**, e não a conjunção aditiva **nem**, que é a que tem valor aditivo (de e), além do valor negativo".

No confronto entre norma e uso, não é raro o usuário do *Guia* se espantar com a constatação de que determinadas construções recomendadas pelos manuais normativos têm baixa freqüência, ou nem mesmo são registradas no *cópus* analisado. Paralelamente, alguns modos de construção condenados por esses manuais são, muitas vezes, os únicos que estão em uso. Ao descrever esses casos, Maria Helena de Moura Neves revela ao seu leitor os usos realmente vigentes no português contemporâneo do Brasil.

Não se deve pensar, porém, que o *Guia de uso do português* negue à norma-padrão o seu valor. Como a própria autora faz questão de destacar, é "[...] o conhecimento das regras, confrontadas com a situação real de uso, que permitirá que o usuário faça suas escolhas para melhor desempenho lingüístico" (NEVES, 2003, p.14). Nessa obra, indispensável para estudiosos da língua portuguesa em todos os níveis, o que não se aceita é a "[...] prescrição cega, que é estreita e insustentável".<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Essas e outras idéias igualmente valiosas sobre a tensão entre o uso e a norma prescritiva também podem ser encontradas em Neves (2001).

## Referências

BORBA, Fda S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. A gramática: o uso e a norma. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza-CE. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2001. Disponível em <<http://sw.npd.ufc.br/abralin/vport.htm>>. Acesso em 20 abr.2004.